rão importar quantidades significativas. Por outro lado, a China, cuja produção se encontra em franca expansão, está se mostrando também grande importadora. O papel central desta economia tem levado os EUA a incentivarem o aumento das exportações para aquele país. Assim, é difícil prever qual o saldo final das duas forças opostas e, numa hipótese conservadora, pode se antecipar que a demanda se manterá estável.

Os preços de produtos de longa tradição na pauta de exportações brasileira — açúcar, cacau e café — não conseguiram recuperar o patamar do início dos anos 80. Note-se que, entre 1993 e 1994, foi justamente este grupo que registrou a alta mais acentuada em suas cotações.

Já em relação à oferta, há dois grupos de produtos. As lavouras temporárias poderão registrar, no curto prazo, significativa expansão, estimulada pelos preços vigentes em 1994. No que se refere às lavouras permanentes, no horizonte próximo o aumento da oferta será conseqüência de melhoria nos tratos culturais, mas num horizonte mais amplo pode-se esperar que os plantios se expandam e que, mais à frente, tenha início um novo ciclo de queda de preços, quando essa expansão se transforme em maiores colheitas e retomada da acumulação de estoques.

Há, contudo, outros fatores em jogo. No caso do algodão, por exemplo, importantes países produtores registram ataques de pragas, como o bicudo, de difícil combate. Neste ponto, o Brasil se encontra em situação privilegiada, uma vez que conseguiu superar a praga. Quanto ao cacau, a cultura atravessa, no Brasil, uma crise de extrema gravidade, e a perspectiva de importações pode ter como conseqüência que a alta dos preços externos não beneficie o agricultor brasileiro.

Os gráficos, aliás, apontam nesta direção. Em 1994 as cotações futuras do açúcar, do algodão, do cacau, do milho e do trigo registraram altas, enquanto os preços recebidos pelos agricultores caíram.

O quadro se mostrou, assim, favorável no que diz respeito ao combate à inflação. Em 1994, a implantação do Plano Real viu-se beneficiada pelo desempenho dos preços agrícolas. Ao contrário de outras ocasiões, como no Plano Cruzado, no Real os preços dos produtos agrícolas foram fator de contenção dos índices de preços ao consumidor. Mas diferentemente do que se deu em 1986, as cotações das commodities agrícolas no mercado internacional se encontravam em fase ascendente. Como explicar então o movimento dos preços internos?

No plano interno, 1994 foi um ano de safra abundante, tendo se registrado a maior safra de grãos da história do Brasil, o que por si só é um fator de contenção de preços. Por outro lado a taxa de câmbio valorizada barateou os produtos importados, mesmo que seus preços em dólar tivessem subido. Há ainda a considerar que o aperto no crédito, as altas taxas de juros e as facilidades para importar (baixas alíquotas e inexistência de barreiras quantitativas) tornaram atraentes as importações, tanto mais que as condições de financiamento externas foram mais favoráveis que as internas, tanto em termos de custo quanto de prazo.

Os agricultores foram, contudo, beneficiados por uma redução nos custos de produção e desta forma conseguiram colher uma safra que em 1995 deverá superar a do ano anterior. Resta saber se as dificuldades que a comercialização está enfrentando permitirão que os produtores rurais consigam em 1996 colher uma nova supersafra.

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO

CACAU

A cacauicultura brasileira em crise: importações à vista

Aguarda-se para a safra baiana 94/95, uma quebra de até 15% com relação à safra passada. Para a safra temporã, as perspectivas também não são boas. Prejudicada pela seca e pela vassoura-de-bruxa, a produção poderá sofrer quebra de até 35%.

A recente polêmica gerada em torno da necessidade de importação do cacau em amêndoa, mais do que uma questão fitossanitária ou de proteção dos preços domésticos do produto, evidencia as dificuldades pelas quais o setor vem passando. Embora as cotações internacionais venham se recuperando desde a safra passada, após uma década de preços baixos, a escassez do crédito, as adversidades climáticas e a incidência de doenças na quase totalidade da lavoura (segundo estimativas da Ceplac, a vassoura-de-bruxa e a podridão-parda atingem quase 2/3 dos cacaueiros do sul da Bahia) afetam de forma negativa a produção nacional. Desestimulados com esta situação, os cacauicultores foram gradativamente limitando o manejo adequado da cultura, restringindo os gastos com a adoção de práticas agronômicas recomendadas pela Ceplac. Como conseqüência, a queda da produtividade e o abandono das lavouras aca-

bam provocando sucessivas quebras de produção e um quadro de escassez interna do produto.

A produtividade da lavoura cacaueira brasileira já chegou a atingir 700kg/ha, em 1980. Segundo o último levantamento da produção agrícola do IBGE, a produtividade em 1994 ficou em 471kg/ha, sendo que alguns bolsões localizados no sul da Bahia chegam a apresentar produtividades inferiores a 180kg/ha (12arrobas/ha). É uma redução de mais de 30%, que mesmo diante de um incremento de 45% na área colhida durante este mesmo período não foi suficiente para aumentar a oferta do produto.

Na Bahia, o maior estado produtor, começa em maio a safra temporã de 1995/96 e perdura até setembro. A falta de chuvas na fase de formação dos pequenos frutos acaba promovendo o seu amarelecimento precoce, mumificando-os em seguida. Desta forma, a safra temporã deverá ficar mais uma vez abaixo das expectativas, sendo muito provável que se limite a cerca de 1 milhão de sacas (segundo a Associação Brasileira de Cacauicultores, valores semelhantes foram registrados na safra de 1973/74, quando se colheram apenas 705 mil sacas). Já a safra principal, com a colheita encerrada em abril, foi bastante castigada pela seca que atingiu a região. Estimativas da Comissão do Comércio de Cacau do Brasil (Comcauba) para a safra baiana 1994/95 apontam pouco mais de 4 milhões de sacas. Até o início de abril, as declarações das empresas associadas acusavam recebimento de apenas 3,8 milhões de sacas, volume este 18% menor que a safra passada, quando, até o mesmo período, 4,62 milhões de sacas já haviam sido recebidas.

Com este quadro de forte escassez interna, será difícil imaginar que as indústrias moageiras, que possuem ao todo capacidade instalada para beneficiar 3,5 milhões de sacas/ano, não venham a pressionar novamente por importações da matéria-prima. Além da demanda interna, a produção também deve atender aos compromissos firmados para exportações, que em 1994, segundo a Mercantil de Cacau, totalizaram 3,4 milhões de sacas, ou seja, uma demanda total de quase 7 milhões de sacas contra uma produção nacional que, segundo estimativas do IBGE, no ano fiscal de 1994 atingiu 5,5 milhões de sacas. Mesmo que haja um redirecionamento da produção para o mercado interno, o volume não será suficiente para atender à demanda, aquecida em função da estabilização da economia. Além disto, um dos nossos principais parceiros comerciais, a Argentina, segundo dados da International Cocoa Organization (ICCO), representa um grande mercado consumidor que passou de 270g *per capita*, em termos de equivalentes de amêndoas de cacau, em 1990, para quase 1kg *per capita*, em 1993. Em função destas perspectivas, grandes indústrias brasileiras do setor vêm planejando investimentos para a ampliação da capacidade instalada, visando tanto o potencial aumento da demanda interna como a intensificação do intercâmbio comercial entre Brasil e Argentina, favorecido pelas isenções tarifárias promovidas no âmbito do Mercosul.

A cacauicultura brasileira, no entanto, encontra-se em *corner*. Se por um lado a indústria descortina grandes perspectivas, por outro, os cacauicultores descapitalizados não possuem recursos para investir no controle das doenças que se manifestam de forma cada vez mais virulenta e elevar os níveis de produtividade. Dentre as alternativas para as regiões produtoras no sul da Bahia, surgem opções que vão do abandono da cultura à pecuária e ao reflorestamento, que são menos onerosos em

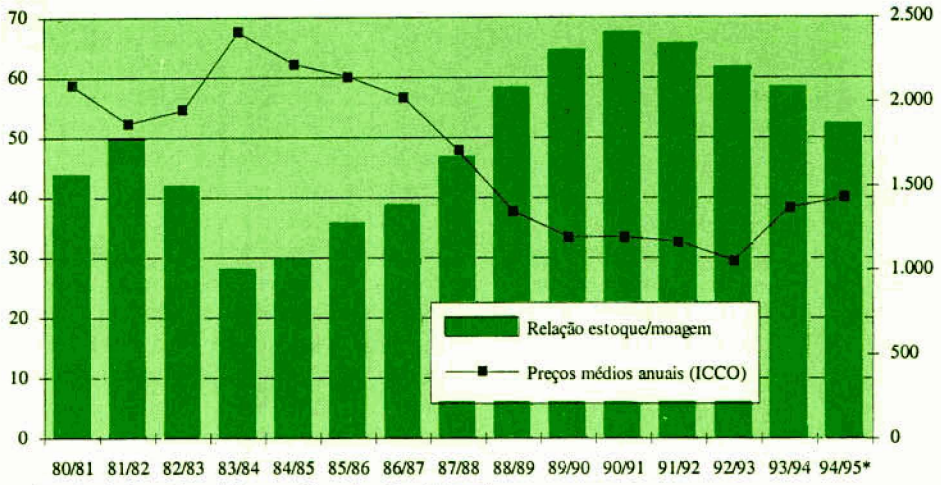
Preços baixos desestimulam tratos culturais

Evolução anual da área trabalhada nas práticas culturais recomendadas pela Ceplac — cacaueiros safreiros — Bahia — 1980-90 (em ha)

		Práticas agrícolas recomendadas pela Ceplac					
Anos	Área safreiro	Combate às pragas	Controle de doenças	Adubação	Calagem	Raleamento de sombra	Aplicação de herbicidas
1980	438.113	368.000	150.900	127.000	21.000	40.000	—
1981	454.315	370.200	161.224	111.500	20.076	20.141	—
1982	476.029	370.300	141.048	128.000	12.000	—	27.800
1983	500.090	354.700	107.313	134.200	12.000	—	29.300
1984	532.181	339.190	113.189	162.000	14.000	—	20.477
1985	558.144	309.004	116.097	180.419	18.391	—	14.089
1986	571.500	294.462	96.169	170.055	20.557	—	14.221
1987	577.639	265.024	78.160	137.368	26.157	—	13.448
1988	591.149	206.304	105.164	123.970	25.097	—	11.142
1989	596.075	116.444	26.129	56.849	12.608	—	4.814
1990	602.717	56.997	20.067	20.158	6.173	—	2.042

Fonte: Assessoria de Planejamento do Centro de Educação e Extensão (Cedex).

Formação dos preços internacionais do cacau
Relação estoques mundiais/moagens



Fonte: International Cocoa Organization (ICCO).
* Previsão.

termos de custos e promovem um retorno mais rápido do capital.[4]

O problema a ser analisado é bem mais complexo do que parece, pois, além do componente econômico, a atividade possui um forte apelo social e ambiental. No âmbito social, ela é responsável pelo emprego de aproximadamente 140 mil trabalhadores, distribuídos em 29 mil propriedades. Em termos ambientais, o sistema de cultivo conhecido por cabruca é responsável pela preservação dos resquícios de mata atlântica da região, mata que serve de hábitat natural para espécies ameaçadas de extinção. Alternativas que levem em consideração estes aspectos podem perfeitamente ser adotadas sem comprometer a garantia de um rentável retorno econômico. O incentivo ao ecoturismo e a criação de um selo verde para comercializar o cacau brasileiro no mercado internacional podem promover significativos ganhos de renda, haja vista a expansão dos mercados de produtos ecológicos na Comunidade Européia.

O balanço mundial de oferta/demanda

As projeções da International Cocoa Organization (ICCO) para a safra internacional de 1994/95, que será encerrada em setembro deste ano, são de que haverá um déficit mundial em torno de 120 mil toneladas de cacau. Além deste desequilíbrio entre oferta e demanda, a relação entre estoques e moagens encontra-se favorável à manutenção dos atuais níveis de preços no mercado internacional. Tal relação vem caindo desde a safra 1990/91 e, como resultado imediato, os preços médios anuais desde então vêm se sustentando com sucessivas altas. No entanto, para que as cotações atinjam níveis satisfatórios e compatíveis com os custos de produção brasileiros, seria necessário que esta relação não ultrapassasse os 33%, ou seja, os estoques garantiriam até quatro meses de moagem e cotações acima de US$2.000/t. Com os atuais 52% de relação, ou o equivalente a seis meses de moagens, as cotações são pressionadas para menos de US$1.300/t.[5]

GUILHERME SORIA BASTOS FILHO

[4] Outras alternativas são descritas brevemente na publicação da Fundação Centro de Projetos e Estudos, *Região Sul da Bahia: panorama geoeconômico*, destacando-se a seringueira, o coco-da-baía e o mamão.

[5] A relação entre a razão estoques/moagens e a formação dos preços internacionais de cacau é analisada por Fernando Rios do Nascimento, coordenador do trabalho A crise da lavoura cacaueira: sua natureza e soluções. *Estudos de Política Agrícola*. Ipea, 1994. (Documento de Trabalho, 26.)

FRUTAS

Maior demanda interna tolhe o recorde nas exportações

O aumento da demanda interna de frutas impediu novo recorde das exportações.

O resultado final das exportações brasileiras de frutas no ano passado acabou não atingindo novo recorde, conforme pareciam sugerir as informações disponíveis até novembro (ver *Agroanalysis*, *15* (2), fev. 1995). Com efeito, dados compilados pelo Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf) dão conta de que a elevação dos preços no mercado interno, provocada pelo aumento da demanda (como efeito do Plano